



CIDADANIA LEGAL: DESAFIO E ENFRENTAMENTO DA FORMAÇÃO DE LIDERANÇA SOCIAL NA CIDADE DE LAGES, SC.

Neusa Maria Zangelini - Universidade do Planalto Catarinense

Agência Financiadora: Prefeitura de Lages/SC

Resumo:

O Projeto Cidadania Legal: Desafio e Enfrentamento da Formação de Liderança Social na Cidade de Lages, visa explicitar o meu “campo de possibilidades”, enquanto sujeito político militante de movimentos sociais. Igualmente, trazer para cena o próprio objeto, o Curso de Formação desenvolvido na modalidade de extensão pela Universidade do Planalto Catarinense, que privilegia a participação de lideranças sociais, em sua maioria oriunda da periferia da cidade. A metodologia é orientada pelos princípios da educação popular na perspectiva freiriana, tendo como ponto de partida a realidade e o diálogo com os participantes. O fazer pedagógico acontece no encontro dos conhecimentos e na troca de experiências entre os sujeitos. Por fim, aponta-se para os resultados esperados, entre eles, a possibilidade de empoderamento e capacidade de mobilizar forças sociais na resolução dos problemas que advém da realidade sócio-econômica e política vivenciada, com ênfase na participação política não eleitoral.

Palavras chaves: Liderança social. Universidade. Curso de Formação. Empoderamento.

Introdução

Acreditando que a qualidade da educação, nesta década e sempre, implica em uma sólida formação humana, ética, cidadã e profissional permanente e como fim em si mesmo, sirvo-me deste trabalho para apresentar o projeto da dissertação que desenvolvo atualmente no Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Dois objetivos orientam a reflexão. Primeiro, explicitar o meu “campo de possibilidades” compreendido na perspectiva de Velho (1999), que apontou para o objeto de dissertação, uma vez que este engendrou-se na reflexão sobre minha própria trajetória, enquanto sujeito político militante de movimento sociais. Segundo, trazer para cena o próprio objeto, o Curso de Formação de Lideranças e Gestores Sociais desenvolvido pela UNIPLAC na modalidade de extensão.

O ineditismo reside no fato de pela primeira vez, na história desta Instituição de Ensino Superior, depois de mais de cinquenta anos de existência mostrou-se sensível e acolheu sujeitos sem exigir pré-requisitos acadêmicos, oportunizando formação para a

cidadania. No seu formato o curso privilegia a participação de lideranças comunitárias, em sua maioria membros de associações de moradores oriundos dos bairros da periferia da cidade.

A construção social do sujeito e seu projeto como demonstra Velho (1999), nunca é um fenômeno puramente interno ou subjetivo. Ele ocorre dentro de “um campo de possibilidade”, profundamente interativo e interpretativo.

O “campo de possibilidade” mais significativo ocorreu com a inserção nos movimentos sociais, mais propriamente no campo da educação formal e não formal. Deste itinerário, é importante enfatizar que nos anos 80, iniciei minha vida profissional como docente. Foi concretamente o meu primeiro contato com as lideranças comunitárias, a convivência em reuniões para discutir os problemas advindos de um bairro recém criado, o bairro Habitação.

No exercício desta participação popular, tendo como ponto de partida a realidade e necessidades básicas da existência humana, através da participação não eleitoral, ou seja, pela “experiência” muitos moradores, líderes comunitários foram se constituindo em sujeitos sociais e políticos. Um processo muito semelhante ao que Gohn (2002) destaca com as palavras de Thompson, o sociólogo que cunhou a categoria “experiência” com sentido alavancador da construção do sujeito:

Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesse, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem um caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa (GOHN, 2002, p. 204).

Neste contexto histórico no início dos anos de 1990 fui eleita diretora da Escola Mutirão mantendo a mesma concepção de engajamento da comunidade. O envolvimento com a categoria dos profissionais em educação do município resultou na presidência do Sindicato Municipal dos Profissionais em Educação de Lages em 2001 - SIMPROEL. Esta condição me qualificou também como liderança e se tornou degrau importante para buscar uma cadeira na Câmara de Vereadores no ano de 2008. A partir desta nova realidade passei a visitar os bairros da cidade.

Deparei-me com um panorama completamente adverso aos anos 80. Um profundo distanciamento da liderança com sua comunidade e principalmente com o poder público local. Diante deste quadro perturbador as indagações povoaram o meu espírito. Existem líderes comunitários com capacidade para mobilizar moradores e mediar a solução dos problemas demandados pela população? Como se dá contemporaneamente a relação de uma associação

de moradores com o poder público e vice-versa? As políticas públicas, particularmente, as políticas sociais chegam ao bairro através de que instrumentos? Qual o poder de um líder comunitário? Como um sujeito morador se constrói e é reconhecido como uma liderança comunitária hoje? Que mecanismos pedagógicos, técnicos e políticas são necessários para que a liderança social potencialize sua capacidade de participação, representação social e política em relação a sua comunidade e ao poder público? Mais, a Universidade, no caso da UNIPLAC, que se afirma “comunitária” com uma missão regional de promover o exercício da cidadania e o desenvolvimento regional sustentável, não poderia abrir suas portas para formação de pessoas que dificilmente a procurariam para a realização de um curso superior, mas que de alguma maneira exercem uma liderança na comunidade?

Antonio Gramsci é reconhecido nos meios acadêmicos como um intelectual que valorizou o saber popular e apostou na elevação da cultura dos trabalhadores, ou seja, a formação de lideranças – intelectuais orgânicos – como estratégia de mobilização de massa, transformação da sociedade e construção de projeto societário.

Com este projeto em mãos e maior clareza no objeto de futura investigação, duas ações foram fundamentais para consolidar o foco do objeto: investigar o Curso de Formação de Lideranças e Gestores Sociais. A primeira ação foi um encontro com a coordenação da Extensão da Universidade para implementação do curso. Segunda ação foi a mobilização de uma Audiência Pública na Câmara de Vereadores de Lages, oportunidade para expor o projeto e poder ouvir o que pensam lideranças da cidade.

O público compareceu. Os depoimentos convergiram para a necessidade da realização do curso. A pergunta norteadora da pesquisa estava explícita: um curso de formação de lideranças e gestores sociais promovido pela Universidade poderá empoderar lideranças e qualificar sua participação política e representação junto a sua comunidade e ao poder público na cidade de Lages? A partir daí passei ao formular o objetivo geral: investigar o Curso de Formação de Lideranças e Gestores Sociais realizado pela Universidade do Planalto Catarinense compreendido como estratégia para alterar o perfil de participação e representação social e política da liderança social na cidade de Lages, SC.

Os objetivos específicos passaram a se desdobrar na seguinte formulação: a) descrever e analisar as razões que estimularam os integrantes do Curso de Formação de Lideranças e Gestores Sociais a efetivamente inscreverem-se no Curso; b) analisar os conteúdos e a metodologia do curso convergiam ou não para o sentido da participação e da representação da liderança social em relação à participação e representação social e política na comunidade e na relação com o poder público; c) identificar ao final do curso as alterações no perfil da

liderança no sentido de sua participação e representação política em relação à comunidade e ao poder público; d) examinar o papel da Universidade na negação ou afirmação de processos de formação de sujeitos sociais e políticos numa cidade e região marcada por índices de desenvolvimento humano inferiores a outras regiões de Santa Catarina.

Por ocasião da Audiência Pública, na condição de pesquisadora já me encontrava em campo, segundo Oliveira (1998), desenvolvendo o *métier* do pesquisador ao exercitar as principais faculdades do entendimento sociocultural – ver, ouvir e escrever. São atitudes inerentes ao processo de pesquisa, quando o pesquisador passa a encontrar seus informantes, estabelecer contatos pessoais, finalmente realizar entrevistas com finalidade de cumprir os objetivos de pesquisa. Alguns procedimentos, todavia é importante anotar. O estranhamento e o distanciamento são princípios epistemológicos e metodológicos fundamentais quando se está em trabalho de campo e no contato direto com o objeto de pesquisa (VELHO, 2004). O objeto de pesquisa eleito exige a assertiva de “estranhar o familiar” tão insistido por este antropólogo. De pronto, pretendo evitar qualquer olhar sedimentado ou reificado da realidade e acerca dos sujeitos envolvidos com o trabalho de campo, mesmo sabendo que a subjetividade do pesquisador/pesquisado é um elemento constituinte da pesquisa. Nesta perspectiva Ludke recomenda que:

dentro da própria concepção de estudo de caso que pretende não partir de uma visão predeterminada da realidade, mas aprender os aspectos ricos e imprevistos que envolvem uma determinada situação a fase exploratória se coloca como fundamental para uma definição mais precisa do objeto de estudo (LUDKE, 1986, p.22)

Parto do pressuposto de um curso orientado pelos princípios da educação popular constrói uma dinâmica singular, podendo ser observada tanto em sua metodologia, quanto no desenvolvimento dos conteúdos, tendendo a configurar a identidade dos participantes. Como ponto de partida, alguns referenciais teóricos deverão nortear a análise dos dados recolhidos em campo, como Marx (1986), Gramsci (1985), Brandão (1985), Freire (1979), Gohn (2002), Streck (2006), entre outros.

O trabalho de pesquisa em curso tem um longo caminho a percorrer. Sua relevância social decorre, em primeiro lugar, analisar o grau de empoderamento e capacidade dos participantes de mobilizar forças sociais na resolução dos problemas que advém da realidade sócio-econômica e política vivenciada, com ênfase na participação política não eleitoral.

Segundo lugar analisar ainda o papel e o impacto que um curso de Formação de Lideranças e Gestores Sociais pode gerar sobre seus participantes, o efeito multiplicador de

novas formas de oportunizar a educação para a cidadania envolvendo processos formais e não formais de educação.

Em terceiro lugar, jogar novas luzes na direção de uma Instituição de Ensino Superior que tomou a iniciativa de oferecer um curso de Formação de Lideranças. Quarto aspecto a considerar é a relação da sociedade civil com o poder público.

No pôster constará resumo, objetivo geral, procedimentos metodológicos, resultados esperados, principais autores, além de fotos do curso de capacitação de lideranças.

Referências

ANDRADE, I. A. L. de. Participação Política não Eleitoral ou Partidária: Associações, Conselhos e Orçamento Participativo. In: **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Ciência Política**. São Paulo: ANPOCS, 2010.

ASSUMPÇÃO, R. (Org.). **Educação Popular na Perspectiva Freiriana**. São Paulo: Ed.L, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1985.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

